

# ABRAÃO SE ENVOLVE EM GUERRA E SE ENCONTRA COM DOIS REIS (GÊNESIS 14)

A decisão de Ló de escolher o vale do Jordão e armar sua tenda em direção a Sodoma foi trágica em vários aspectos. Essa escolha expôs a família de Ló a um ambiente extremamente perverso, moralmente perigoso (veja 19:1–8), e danificou a fé deles no Deus único e verdadeiro, o qual responsabiliza cada indivíduo pelo mal que praticou e julga aqueles que não se arrependem das práticas más (veja 19:12–22). Essa escolha também afetou seriamente suas vidas porque, morando na região de Sodoma, foram capturados num ataque efetuado por quatro reis do leste. Estes governantes e seus exércitos foram punir cinco reis na região geral do mar Morto, porque estes não pagaram o tributo anual exigido por seus opressores. Enquanto os cinco reis da fronteira sudeste de Canaã eram insignificantes em relação às cidades-estados e às terras que os cercavam, os quatro reis do leste eram evidentemente poderosos. Eles governavam grandes territórios, incluindo numerosas cidades que haviam sido incorporadas aos seus reinos, sendo obrigadas a pagar tributo para manterem algum grau de independência.

## A GUERRA DOS REIS (14:1–12)

<sup>1</sup>Sucedeu naquele tempo que Anrafel, rei de Sinar, Arioque, rei de Elasar, Quedorlaomer, rei de Elão, e Tidal, rei de Goim, <sup>2</sup>fizeram guerra contra Bera, rei de Sodoma, contra Birsá, rei de Gomorra, contra Sinabe, rei de Admá, contra Semeber, rei de Zeboim, e contra o rei de Bela (esta é Zoar). <sup>3</sup>Todos estes se ajuntaram no vale de Sidim (que é o mar Salgado). <sup>4</sup>Doze anos serviram a Quedorlaomer, porém no décimo terceiro se rebelaram. <sup>5</sup>Ao décimo quarto ano, veio Quedorlaomer e os reis que estavam com ele e

feriram aos refains em Asterote-Carnaim, e aos zuzins em Hã, e aos emins em Savé-Quiriataim, <sup>6</sup>e aos horeus no seu monte Seir, até El-Parã, que está junto ao deserto. <sup>7</sup>De volta passaram em En-Mispate (que é Cades) e feriram toda a terra dos amalequitas e dos amorreus, que habitavam em Hazazom-Tamar. <sup>8</sup>Então, saíram os reis de Sodoma, de Gomorra, de Admá, de Zeboim e de Bela (esta é Zoar) e se ordenaram e levantaram batalha contra eles no vale de Sidim, <sup>9</sup>contra Quedorlaomer, rei de Elão, contra Tidal, rei de Goim, contra Anrafel, rei de Sinar, contra Arioque, rei de Elasar: quatro reis contra cinco. <sup>10</sup>Ora, o vale de Sidim estava cheio de poços de betume; os reis de Sodoma e de Gomorra fugiram; alguns caíram neles, e os restantes fugiram para um monte. <sup>11</sup>Tomaram, pois, todos os bens de Sodoma e de Gomorra e todo o seu mantimento e se foram. <sup>12</sup>Apossaram-se também de Ló, filho do irmão de Abrão, que morava em Sodoma, e dos seus bens e partiram.

A narrativa sobre uma invasão do oeste por quatro reis do leste tem sido vista por alguns estudiosos como ficção, sem um fundamento histórico. Todavia, existem bons motivos para crermos que este é um relato histórico verídico. Por exemplo, o autor contou a história de uma maneira que parece que ele seguiu uma fonte antiga. Ele deu nomes arcaicos que já eram usados quando ele escreveu este material e incluiu nomes ou frases explicativas visando o entendimento de seu público de leitores posteriores (veja 14:2, 3, 7, 8, 17).

**Versículo 1.** Um dos problemas que os críticos enfrentam no capítulo 14 é a total incapacidade de identificar, em fontes externas, os quatro reis que participaram desta aliança oriental contra os

cinco reis do oeste. **Quedorlaomer, rei de Elão**, foi o líder da coalizão dos reis do oriente, a quem os reis do ocidente “serviram” por “doze anos” (14:4). Quedorlaomer era da linhagem de Sem, filho de Noé, cujo primeiro filho recebeu o nome de “Elão” (10:22). Os elamitas viveram na Pérsia antiga (a região sudoeste do atual Irã), tendo Susã como sua capital.

Os aliados de Quedorlaomer eram: 1) **Anrafel, rei de Sinar** (“Sinar” aqui é um antigo nome de Babilônia), 2) **Arioque, rei de Elasar** e 3) **Tidal, rei de Goim**. Nenhum destes indivíduos foi positivamente identificado como reis do antigo Oriente Próximo, e os topônimos “Elasar”<sup>1</sup> e “Goim” (que significam “povos” ou “nações”) são desconhecidos fora deste texto. Nosso conhecimento histórico de reis menores no leste é fragmentado, especialmente em relação à primeira metade do segundo milênio. Portanto, a ausência de provas não deve ser interpretada como prova da ausência de historicidade com referência a esses governantes de reinos menores.

Estes nomes oferecem outra razão para confiarmos no texto: possuem um selo de autenticidade. Correspondem aos tipos de nomes que os povos orientais usavam no tempo de Abraão. “Quedorlaomer” é um nome elamita (*Kutir* mais uma divindade). Este nome é indicado como “rei de Elão”. “Anrafel” parece um nome semítico, que seria apropriado para o “rei de Sinar” (Babilônia). “Arioque” é de origem hurriana, encontrando paralelos nas cidades antigas de Mari (*Arriwuk/Arriyuk*). “Tidal” era um nome antigo hitita (*Tudkhalia*) usado por vários governantes. A designação de Tidal como “rei dos povos” é semelhante a um título usado para chefes supremos na Anatólia<sup>2</sup>. É improvável que um israelita que vivesse 1000 ou 1500 anos depois pudesse criar personagens fictícios com nomes tão autênticos típicos das culturas desse período primitivo, mesmo que ele

<sup>1</sup>Charles L. Feinberg afirmou que na língua babilônica a forma deste nome é (*âl*) *Larsa* (“a cidade de Larsa”) e que em sumeriano antigo o nome é “Ararwa” (“moradia de luz”). (Charles L. Feinberg, “Ellasar” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, vol. 2, pp. 73–74.) Embora alguns identifiquem “Elasar” como *Larsa* (a cidade do deus sol) no sul da Babilônia, uma locação no noroeste da Mesopotâmia pode corresponder melhor ao nome do governante “Arioque”.

<sup>2</sup>K. A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003, p. 320.

se dedicasse intensamente a pesquisar isso.

**Versículo 2.** Os nomes dos reis contra os quais os aliados do oriente **fizeram guerra** são alistados a seguir, exceto o último: **Bera, rei de Sodoma... Birsá, rei de Gomorra... Sinabe, rei de Admá... Semeber, rei de Zeboim, e... o rei de Bela (esta é Zoar)**. Não se sabe por que o único nome oculto na lista é o do rei de Bela. Em vez de ser um fator complicador para a autenticidade do texto, esta omissão de fato aumenta a credibilidade da lista de reis. Se o autor deste material estava tentando reunir nomes para um relato fictício, ele certamente teria feito isto a esta altura do texto. Ao contrário disso, a não inclusão de um nome aqui sugere que ele teve respeito pela precisão do relato e quis preservá-lo fiel e transmiti-lo sem alterações, mesmo omitindo um dos nomes. Tanto os nomes como os acontecimentos do relato bíblico condizem com as regiões onde esses indivíduos governaram.

**Versículo 3.** Os quatro reis do oriente finalmente chegaram ao oeste contra os cinco reis ocidentais, que viviam na região geral do **vale de Sidim (que é o mar Salgado)**. Embora as cinco cidades ocidentais (14:2) e “o vale de Sidim” não possam ser identificados com certeza, geralmente se acredita que sua localização era no extremo sul do mar (Salgado)<sup>3</sup> (veja os comentários sobre 14:8–10).

**Versículo 4.** O autor mencionou que os cinco reis menores do oeste **serviram a Quedorlaomer por doze anos**, porém ao término desse período, eles **se rebelaram**. Isto significa que eles se recusaram a mandar o tributo anual aos seus dominadores (veja 2 Reis 18:7, 13–16).

**Versículos 5 a 7.** No **décimo quarto ano, Quedorlaomer** e seus aliados invadiram o oeste. Por que o rei elamita esperou até “o décimo quarto ano” para atacar seus vassalos rebeldes? Possivelmente, ele quis dar tempo aos reis do ocidente para repensarem as sérias consequências do que haviam feito. O mais provável é que levou tempo para o chefe da coalizão convencer seus aliados a empreender uma marcha tão longa e expansiva a fim de organizar uma força militar suficiente para garantir a vitória sobre as cidades-estado ocidentais.

A coalizão oriental atacou primeiramente a

<sup>3</sup>David M. Howard Jr., “Siddim, Valley of” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, vol. 4, pp. 499–500.

cordilheira central ao leste do Jordão, movendo-se do norte para o sul “pela estrada real” (Números 20:17; 21:22). Segundo os capítulos iniciais de Deuteronômio, mais tarde Israel tomou esse mesmo rumo, viajando na direção oposta – do sul para o norte – antes de atravessar o rio Jordão e invadir Canaã vindo do leste para conquistar Jericó. Em 14:5–7, apresenta-se um catálogo dos lugares que os reis orientais atacaram no começo da guerra.

**Os refains em Asterote-Carnaim:** Asterote (perto de Karnaim) era uma cidade de Basã, no leste do mar da Galileia. (Hoje é conhecida como Tess Ashtarâ, um local dentro dos limites meridionais da Síria.) Após os dias de Abraão, os refains tornaram-se um povo formidável, a quem os israelitas tiveram de derrotar para ocupar a terra de Canaã. A maior concentração deles ficava em Basã. As Escrituras indicam que alguns dentre eles eram homens de elevada estatura (Deuteronômio 2:10, 11, 20, 21). O último rei deles foi Ogue, o qual tinha “uma cama de ferro que media quatro metros de comprimento por um metro e oitenta de largura” (Deuteronômio 1:4; 3:10, 11; NTLH).

**Os zuzins em Hã:** conhecidos somente por esta passagem bíblica. Alguns os comparam aos zanzumins de Deuteronômio 2:20. Esta associação é apoiada por um texto dos Rolos do Mar Morto, que se refere a eles como “os zunzamins que estavam em Amom”<sup>4</sup>. Todavia Hã era um lugar em Gileade, entre Basã e Moabe. Alguns o identificam como Tell Hã, que fica alguns quilômetros a sudoeste de Irbide, Jordão, perto da antiga “estrada real”.

**Os emins em Savé-Quiriataim:** o nome “Savé” (שָׁוֵה, *Shaweh*) significa “planície” ou “vale”. Portanto, a referência é a uma região perto de Quiriataim, uma cidade ao norte de Moabe (Números 32:37; Josué 13:19; Jeremias 48:1, 23; Ezequiel 25:9). A localização exata de Quiriataim é incerta.

**Os horeus no seu monte Seir, até El-Parã, que está junto ao deserto:** Seir era uma região montanhosa entre o Mar Morto e o Golfo de Ácaba (Deuteronômio 2:12, 22), onde os horeus viveram antes de os edomitas entrarem na região e ali se fixarem. Quando o texto afirma que os reis do leste conquistaram “até El-Parã”, parece que eles percorreram todo o caminho até Elão (atual Eilate)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup>*Genesis Apocryphon* 21.

<sup>5</sup>Michael C. Astour, “El-paran” em *The Anchor Bible Dic-*

*tionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, vol. 2, p. 423. O deserto de Parã era uma grande área deserta que se estendia do sul da antiga Canaã até Elão e incluía uma porção da península do Sinai.

Os exércitos orientais **de volta passaram em En-Mispate**, mais tarde chamada de Cades (Cades-Barnea), o oásis onde Israel acampou enquanto os espias partiram para Canaã a fim de constatar como era aquela terra e sua gente (Números 13:26; 20:22). Ela representava a fronteira meridional da Terra Prometida. Nessa região, os quatro reis conquistaram ou **feriram toda a terra dos amalequitas**. Eram um povo seminômade que permanece desconhecido fora da Bíblia, mas eles atacaram os israelitas no deserto de Sinai, após saírem do Egito (Êxodo 17:8–16). Perto do fim dos quarenta anos de peregrinação de Israel, os amalequitas foram relacionados com os edomitas num oráculo condenatório emitido por Balaão (Números 24:18–20). Tanto Saul como Davi acabaram por obter vitórias decisivas sobre eles (1 Samuel 15; 27; 30).

**Os amorreus, que habitavam em Hazazom-Tama:** este lugar é identificado como Engedi, em 2 Crônicas 20:2. Era um oásis bem conhecido na costa ocidental do mar Morto, onde Davi mais tarde encontrou refúgio para si e seus homens, enquanto fugia do exército de Saul (1 Samuel 23:29; 24:1). Engedi não ficava longe “dos carvalhais de Manre”, perto de Hebrom, onde Abraão residiu (14:13). Sendo assim, é lógico que o patriarca tinha aliados amorreus dessa região<sup>6</sup> que se juntaram a ele na perseguição aos aliados do leste, depois de prenderem Ló, o povo de Sodoma e “os deuses de Sodoma e Gomorra” (14:11–16).

Gênesis não revela por que os reis do leste atacaram primeiramente estes seis grupos ao norte, leste, sul e oeste das cidades dos cinco reis que se rebelaram contra eles. Provavelmente, faziam parte de – ou eram suspeitos de fazerem parte de – uma insurreição maior contra o domínio mesopotâmico das cidades do oeste. Qualquer que tenha sido a razão do ataque a esse território dos rebeldes, os quatro reis, sem dúvida, intensifica-

<sup>6</sup>Outras forças de amorreus se espalharam pelo leste (Números 21:13, 21–31) e oeste (Josué 7:7; 10:5–12) do rio Jordão.

ram o medo das cinco cidades-estado, à medida se ouviram relatos da devastação empreendida pelos invasores em cada um desses lugares.

**Versículos 8 a 10.** Após os quatro reis do leste derrotarem as seis cidades potencialmente (ou de fato) rebeldes, fizeram guerra contra seus vassalhos rebeldes. Numa manobra de coragem ou bravura surpreendente, os cinco reis **de Sodoma, de Gomorra, de Admá, de Zeboim e de Bela (esta é Zoar)** tomaram a iniciativa, marchando adiante preparados para guerrear contra os invasores: **Quedorlaomer, Tidal, Anrafel e Arioque.** Esta estratégia mostrou-se insensata. Ainda que **quatro reis contra cinco** sugira que os reis do oeste e seus exércitos prevaleceriam na batalha, eles não foram páreo para os poderosos governantes do leste. As forças do oeste foram derrotadas no **vale de Sidim** (veja 14:3).

Uma nota explicativa diz que **o vale de Sidim estava cheio de poços de betume.** “Betume” ou “piche” é uma substância hidrocarbônica natural conhecida como asfalto. Há depósitos dela em vários lugares no Oriente Próximo, às vezes emergindo do solo. Foi usada como argamassa para os tijolos cozidos na torre de Babel (11:3). Os tijolos externos do grande zigurate em Ur, onde Abraão cresceu, também foram assentados com esta substância<sup>7</sup>. Isto levou estudiosos a acreditarem que o vale de Sidim, onde ocorreu a batalha, ficava perto do extremo sul do mar Morto. No primeiro século, Flávio Josefo chamou o mar Morto de “Lago Asfaltitis”<sup>8</sup> por causa dos grandes acúmulos de asfalto (betume) geralmente vistos flutuando sobre sua superfície, e relatos disto são recorrentes até os tempos modernos<sup>9</sup>.

A narrativa continua afirmando que **os reis de Sodoma e de Gomorra fugiram** aterrorizados e **alguns caíram** nessas poços de piche. A dedução natural seria que eles morreram ali, exceto pelo fato de o rei de Sodoma ser mencionado novamente em 14:17. Isto não apresenta nenhuma dificuldade, visto que o verbo hebraico נָפַל (*napal*, “cair”) também pode comunicar a ideia de uma pessoa abaixar-se voluntariamente. Por exemplo, Rebeca

“apeou” (*napal*) ou “desceu” (*NVI*) do camelo em 24:64. Se for este o uso do verbo em 14:10, os reis de Sodoma e Gomorra podem ter saltado intencionalmente para dentro das poços de betume para se esconder, escapando da morte naquele momento (veja Josué 10:16). Em contraste com isto, se empregarmos aqui o significado comum do verbo e se os reis caíram mortalmente nos poços de piche, isto significa que seus súditos logo elegeram novos reis. Afinal, um rei de Sodoma falou a Abraão em nome do povo após ele os resgatar (14:17). Independentemente do que aconteceu, a derrota dos cinco reis deu-se numa completa debandada. Os sobreviventes da batalha **fugiram para um monte.**

**Versículos 11 e 12.** Na sequência da vitória, os quatro reis tomaram para si os despojos ou espólios da batalha, que incluíam **todos os bens de Sodoma e de Gomorra e todo o seu mantimento**, bem como seu povo. Além disso, **Ló, filho do irmão de Abrão**, e toda a sua família e **bens** foram levados cativos porque **moravam em Sodoma** naquele tempo. Esta é uma informação nova sobre Ló. Na última menção de Ló, ele havia simplesmente mudado “suas tendas até Sodoma” (13:12). Agora que ele estava vivendo na cidade e embora nada tivesse a ver com a guerra, ele e sua comitiva participaram do mesmo destino que os cidadãos de Sodoma, os quais, insensatamente, se rebelaram contra os reis do leste.

## O RESGATE DE LÓ E DE OUTROS PRISIONEIROS (14:13–16)

<sup>13</sup>Porém veio um, que escapara, e o contou a **Abrão, o hebreu; este habitava junto dos carvalhais de Manre, o amorreu, irmão de Escol e de Aner, os quais eram aliados de Abrão.** <sup>14</sup>Ouvindo **Abrão que seu sobrinho estava preso, fez sair trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e os perseguiu até Dã.** <sup>15</sup>E, repartidos contra eles de noite, ele e os seus homens, feriu-os e os perseguiu até **Hobá, que fica à esquerda de Damasco.** <sup>16</sup>Trouxe de novo **todos os bens, e também a Ló, seu sobrinho, os bens dele, e ainda as mulheres, e o povo.**

**Versículo 13.** Abraão certamente sabia das batalhas que estavam sendo travadas no norte, leste, sul e oeste do mar Morto; porém só teve notícias da situação na região de Sodoma e Gomorra

<sup>7</sup>Duane E. Smith, “Bitumen” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, p. 521.

<sup>8</sup>Flávio Josefo, *Antiguidades* 1.9.

<sup>9</sup>John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 227.

quando veio um, que escapara, até os carvalhais de Manre, onde ele habitava (veja 13:18). Este homem avisou Abraão do destino de Ló e sua família. Ele relatou que as cidades da planície haviam sofrido uma terrível derrota para os exércitos do leste, o que resultou no cativeiro de seus habitantes – juntamente com Ló – e na perda de todos os seus bens e mantimentos.

A narrativa afirma que o fugitivo deu a má notícia a **Abraão, o hebreu**. O uso desta expressão visava evidentemente distinguir Abraão dos irmãos **amorreus**: “Manre”, **Escol**<sup>10</sup> e **Aner**. Esta é a primeira vez que o termo “hebreu” (עִבְרִי, ‘Ibri)<sup>11</sup> é usado no Antigo Testamento e a única vez que ele é usado para Abraão. A palavra aparece mais tarde na história de José (39:14; 40:15; 41:12; 43:32) e na história de Israel (Êxodo 1:15; 2:6, 11; 1 Samuel 4:6; 13:3, 19; 14:11; 29:3; Jeremias 34:9; João 1:9). E sempre usada para diferenciar os descendentes de Abraão de outros grupos étnicos.

Às vezes, por causa da semelhança dos vocábulos “hebreu” e “habiru” (também grafado “hapiru” ou “apiru”), pensava-se que esses dois povos estavam interligados. Os habirus são mencionados em textos de todo o Oriente Próximo antigo, desde o século XX até o século XI a.C. Compunham-se de grupos racialmente mistos que se mudavam de um lugar para outro e eram considerados intrusos aonde quer que fossem. Às vezes, eram fugitivos e agiam como bandos de saqueadores. Membros desse grupo serviam de mercenários nos exércitos de pequenos governantes de cidades e cidades-estado. Os israelitas, que mais tarde invadiram a terra de Canaã, talvez fossem vistos como habirus pelos cananeus. Todavia, a associação de hebreus com os habirus tem sido descartada porque os habirus aparecem em textos do Oriente Próximo centenas de anos antes de os hebreus se multiplicarem e se tornarem um povo. Eles estavam invadindo Canaã quando os hebreus ainda eram escravos no Egito ou peregrinavam no deserto<sup>12</sup>.

<sup>10</sup>“Eshcol” também era o nome do vale perto de Hebrom (Números 13:23, 24). Significa “cacho [de uvas]”.

<sup>11</sup>“Hebreu” é uma designação que parece derivar de “Éber” (10:21–25; 11:14–16) porque ambos os termos têm as mesmas três consoantes: עִבְרִי (‘br). Visto que a língua hebraica não continha sinais vocálicos até ca. 800 d.C., não sabemos exatamente como se desenvolveram as grafias e as pronúncias diferentes desse vocábulo.

<sup>12</sup>Peritos em línguas semíticas antigas afirmam que a tentativa de “ligar” ‘apir e ‘ibr evoca uma “transformação

A notícia da derrota de Sodoma e Gomorra e da captura de Ló e sua família foi um golpe trágico para Abraão, mas ele já tinha feito uma aliança defensiva com três irmãos amorreus: Manre, Escol e Aner. Estes três amorreus, assim como Abraão, tinham escravos que podiam lutar, por isso o texto os chama de **aliados de Abraão**.

A expressão hebraica בְּעֻלֵי בְרִית (ba‘aley berith), vertida para “aliados” significa literalmente “possuidores da aliança”<sup>13</sup> ou “os que estão coligados por um acordo”<sup>14</sup>. A palavra *berith* é a designação regular para uma “aliança” ou um acordo obrigatório entre duas partes. É a mesma palavra que Deus usou quando fez uma aliança com Noé (6:18; 9:9–16) e usaria inúmeras vezes com Abraão (15:18; 17:2, 4, 7, 9, 10). Séculos depois, a lei de Moisés proibiu os israelitas de fazerem alianças com os amorreus em Canaã porque eles desviaram o coração do povo de Iavé para servir a outros deuses (Deuteronômio 7:1–4). Isso não parece ter sido um problema no caso de Abraão, que fez uma aliança com o rei de Gerar e jurou perante Deus ser fiel a ela (20:1, 2; 21:22–24).

Por que os três irmãos amorreus quiseram entrar em aliança com um estrangeiro que habitava suas terras? A Bíblia não dá uma resposta específica para essa questão, mas pode haver várias razões para terem tomado essa decisão. 1) Provavelmente viam Abraão como uma pessoa rica e poderosa (um chefe ou xeique) com numerosos servos ou escravos que podiam lutar para proteger os interesses dele. 2) Talvez soubessem que Abraão e sua comitiva tinham voltado recentemente do Egito trazendo considerável riqueza em escravos, ouro e animais. Sem saber dos detalhes de como isso aconteceu, podem ter deduzido que um egípcio proeminente, até mesmo o Faraó, tenha honrado o hebreu. 3) Enquanto conversavam com Abraão, ele pode ter-lhes contado a história do chamado de Deus para sair da Mesopotâmia e ir para a terra de Canaã, onde Deus abençoaria a ele e a seus descendentes, e para ser uma bênção a todos que ali encontrasse. Qualquer uma dessas

dupla improvável” das consoantes e das vogais dessas palavras. (Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, p. 405.)

<sup>13</sup>Esta tradução é sugerida em nota de rodapé da versão inglesa NASB.

<sup>14</sup>Bruce K. Waltke, *Genesis: A Commentary*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishers, 2001, p. 232.

possibilidades ou todas poderiam ter feito os irmãos amorreus desejarem entrar em aliança com Abraão, acompanhá-lo na batalha e, assim, compartilhar das bênçãos que ele poderia mediar em favor deles (veja 14:19, 20, 24).

**Versículo 14.** Assim que Abraão ouviu **que seu sobrinho**<sup>15</sup>, Ló (bem como sua família e bens) **estava preso**, ele reagiu à crise e **fez sair seus homens dos mais capazes**. A palavra hebraica vertida para “capazes” é *חַנִּיק* (*chanik*) e só ocorre uma vez no Antigo Testamento. O termo provavelmente se refere a “empregados armados”, como os associados aos pequenos reis palestinos (líderes) citados nos textos da execração egípcia da época de Abraão (durante a primeira metade do segundo milênio a.C.)<sup>16</sup>. Aqui, porém, os trezentos e dezoito homens não eram mercenários contratados por Abraão. Pelo contrário, eram obviamente escravos **nascidos em sua casa**; seus pais devem ter servido por muitos anos antes de viajarem com seu senhor da Mesopotâmia a Canaã. Esses escravos devem ser diferenciados dos escravos presenteados a Abraão pelo Faraó do Egito, visto que os egípcios estavam com ele havia pouco tempo. O patriarca não era só rico, mas também era um líder (xeique) poderoso. Ele provavelmente tinha uma comitiva de mais de mil pessoas. Seus trezentos e dezoito homens treinados para lutar constituíam um grupo significativo de guerreiros.

Abraão e seus homens **persegui[ram] até Dã**. O nome mais remoto de Dã é “Laís” (ou “Leshem”). Foi somente no período dos juízes que a tribo de Dã conquistou a cidade e lhe deu um novo nome (Juízes 18:29; veja Josué 19:47). Algum tempo depois disso, um escriba modernizou o nome de “Laís” para “Dã” no texto de Gênesis, para que os leitores posteriores soubessem onde ocorreu essa batalha decisiva nos dias de Abraão.

**Versículo 15.** E, **repartidos contra eles, de noite** Abraão e **seus homens** apanharam seus inimigos de surpresa. Posteriormente na história de Israel, esta tática também foi empregada por Gideão, quando derrotou os midianitas com apenas trezentos homens (Juízes 7:16–23). As divisões do exército de Abraão incluíam os lutadores dos três irmãos amorreus. Os aliados de Abraão **persegui-ram** seus inimigos **até Hobá, que fica à esquerda**

<sup>15</sup>“Sobrinho” traduz *אָח* (*ach*), o mesmo substantivo na expressão “somos irmãos” (13:8).

<sup>16</sup>Victor P. Hamilton, “*חַנִּיק*” em *DITAT*, p. 493.

**de Damasco** ou “ao Norte de Damasco” (NVI).

**Versículo 16.** O escritor de Gênesis não relatou nenhum dos detalhes da bem-sucedida invasão dos exércitos do leste, mas não devemos nos esquecer da promessa de Deus a Abraão em Harã: “Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (12:3). Aqui os exércitos dos quatro reis poderosos estavam aparentemente sendo amaldiçoados por Deus (derrotados pelas tropas de Abraão) porque maltrataram Abraão ao capturarem Ló e sua família, juntamente com todos os seus servos e bens. Esta seção termina afirmando que os vencedores recuperaram todo o saque. Uma consequência mais importante é que eles resgataram Ló e seus **bens**, incluindo todas **as mulheres e o povo** que os exércitos do leste haviam levado.

## O ENCONTRO DE ABRAÃO COM DOIS REIS (14:17–24)

<sup>17</sup>Após voltar Abrão de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é o vale do Rei. <sup>18</sup>Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; <sup>19</sup>abençoou ele a Abrão e disse:

**Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra;**

<sup>20</sup>e **bendito seja o Deus Altíssimo,**

**que entregou os teus adversários nas tuas mãos.**

**E de tudo lhe deu Abrão o dízimo.** <sup>21</sup>Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: **Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.** <sup>22</sup>Mas Abrão lhe respondeu: **Levanto a mão ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra,** <sup>23</sup>e juro que **nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: Eu enriqueci a Abrão;** <sup>24</sup>nada quero para mim, senão o que os rapazes comeram e a parte que toca aos homens Aner, Escol e Manre, que foram comigo; estes que tomem o seu quinhão.

**Versículo 17.** Anteriormente na narrativa, o rei de Sodoma foi arrogante e rápido para envolver Quedorlaomer na batalha (14:8, 9). Depois que a guerra começou, seu exército foi atacado pelo inimigo, mas ele talvez tenha escapado escondendo-se num poço de piche (veja os comentários sobre 14:8–10). Todavia, a esta altura, o rei de Sodoma veio e humilhou-se perante Abraão, o qual vence-

ra Quedorlaomer.

O local em que o rei de Sodoma e Abraão se encontraram foi o vale de Savé, que é o vale do rei. “Savé” significa “planície”, “campina” ou “vale”. A outra menção deste lugar é em 2 Samuel 18:18; Absalão erigiu ali uma coluna para preservar seu nome, pois não tinha filhos. Acredita-se que Savé é uma pequena planície ou campina um pouco ao sul e ao leste de Jerusalém, onde os vales de Cedrom, Hinom e Tiropeon se convergem<sup>17</sup>.

**Versículo 18. O rei de Salém**, cujo nome era Melquisedeque, também foi se encontrar com Abraão. O nome “Melquisedeque” é literalmente “rei de justiça” e a identificação “rei de Salém” significa “rei de paz” (Hebreus 7:2). Em Salmos 76:2, “Salém”, o antigo nome de Jerusalém, aparece em paralelismo sinônimo com “Sião”. Quando Davi, com seus homens poderosos, conquistou a fortaleza jebusita de Sião e ali construiu seu palácio, ele a chamou “a cidade de Davi” (2 Samuel 5:7, 9; 1 Crônicas 11:5, 7). No tempo de Salomão, a cidade de Davi era identificada especificamente como “Sião” (1 Reis 8:1).

Melquisedeque ficou grato pela vitória de Abraão sobre os reis invasores do leste, por isso ele trouxe pão e vinho para revigorar os guerreiros que chegavam da longa viagem de volta da batalha. Pão e água eram os mantimentos comuns dados aos soldados, enquanto pão e vinho eram oferecidos aos reis (1 Samuel 16:20). Esses ingredientes vieram a acompanhar regularmente os sacrifícios de animais (Números 15:2–10; Deuteronômio 14:22–26; 1 Samuel 1:14; 10:3). O fato de Melquisedeque ter tratado Abraão e seus homens com mantimentos da realeza revela algo sobre o seu caráter. Ele era um rei bom e justo, que verdadeiramente queria honrar os que se dispunham a levar a cabo uma missão tão longa e perigosa, arriscando a vida para resgatar outros.

Além de ser rei, Melquisedeque também era sacerdote do Deus Altíssimo (עֵלְיֹן, *‘El Elyon*). *‘El* é a palavra hebraica para “Deus”, ao passo que *‘Elyon* é um adjetivo superlativo que significa “Altíssimo”. Em outros contextos, o segundo termo denota aquilo que é “alto”, “superior” e “exaltado”<sup>18</sup>. Portanto, esta é uma designação cabível para Deus,

<sup>17</sup>Michael C. Astour, “Shaveh, Valley of” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 5, p. 1168.

<sup>18</sup>Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 751.

o qual é soberano sobre o céu e a terra.

Porque o rei cananeu se chamava “El” e “Elyon” era o nome de outro deus (seu neto), Melquisedeque tem sido caracterizado como um sacerdote pagão que adorava a um deus chamado “El Elyon”. O problema com este palpite é que El e Elyon eram duas divindades distintas da mitologia cananea, e não há provas de um deus singular com este nome na literatura deles<sup>19</sup>. Se este sacerdote de Deus fosse um rei cananeu típico, era de se esperar que ele desse bênçãos no nome de um de seus próprios deuses e não no nome composto de um deus desconhecido para Abraão e para os irmãos amorreus, que o acompanhavam. Parece altamente improvável que Melquisedeque fosse exaltado como um tipo de Messias, o verdadeiro rei de justiça e paz (Salmos 110:1–4; Hebreus 7:1–4, 17, 21), a menos que ele já fosse conhecido por essas qualidades antes de Abraão conhecê-lo. A narrativa jamais revela como o rei veio a conhecer o Deus verdadeiro; mas o Senhor pode ter se revelado a ele, como fez com Abraão (12:1–3; Atos 7:2–4) e Balaão, séculos mais tarde (Números 22:1–24:25).

**Versículo 19.** Melquisedeque pronunciou, então, uma bênção a Abraão, dizendo: **Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra.** Essa bênção indica que, sendo sacerdote de Deus e “rei de justiça” (Hebreus 7:2), Melquisedeque era maior do que o pai do povo judeu. Os rabinos combateram essa ideia, e alguns subordinaram o sacerdócio de Melquisedeque a Abraão. Outros o exaltaram, crendo que ele era um anjo, possivelmente o arcanjo Miguel<sup>20</sup>. O escritor de Hebreus, porém, afirmou que ele não era um ser divino, mas um grande “homem”, cuja linhagem (ancestrais e descendentes) era desconhecida ao povo judeu (Hebreus 7:3, 4). Esta ausência de genealogia tornou-o inferior aos olhos dos que acreditam que hereditariedade era o fator determinante do sacerdócio.

Segundo o Antigo Testamento, aquele que abençoa, seja um sacerdote seja um rei, é maior do que aquele que é abençoado (Êxodo 39:43; Números 6:22–27; Deuteronômio 10:8; 2 Samuel 6:18). Uma indicação indiscutível da superioridade de Melquisedeque em relação a Abraão é evidente na afirmação “o inferior é abençoado pelo

<sup>19</sup>Michael C. Astour, “Melchizedek” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, p. 684.

<sup>20</sup>George J. Brooke, “Melchizedek (11QMelch)” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, pp. 687–88.

superior” em Hebreus 7:7. Sendo assim, o escritor de Hebreus não estava alegando que a grandeza de Melquisedeque era por causa de algumas considerações físicas, políticas ou financeiras e, sim, sendo um rei de justiça e sacerdote do Deus Altíssimo, ele era espiritualmente maior do que Abraão. Quando o patriarca usou o nome “Iavé” em 14:22, ele não estava instruindo o rei de Salém sobre a identidade do Deus verdadeiro, como acreditam alguns. Ele só estava usando o nome pessoal do Senhor. E Melquisedeque talvez não conhecesse essa designação, embora já fosse um servo do Deus único e verdadeiro, o Altíssimo.

O ato deste rei de Salém honrando Abraão deve ser visto em contraste com a maneira como o patriarca foi tratado pelos reis do leste, que capturaram Ló, sua gente e seus bens. Como já observamos com respeito a 14:14–16, os reis do leste “amaldiçoaram” Abraão ao tratarem mal seu sobrinho. Este é outro exemplo de indivíduos poderoso – como Faraó em 12:17, 18 – que trouxeram maldições para si mesmos porque não se relacionaram corretamente com Abraão. Melquisedeque, porém, “abençoou” a Abraão. Sua bênção foi uma expressão de gratidão por ele ter perseguido, atacado impetuosamente e derrotado os reis do leste, atitude esta que libertou os prisioneiros e recuperou seus bens.

Melquisedeque abençoou Abraão no nome do “Deus Altíssimo”, a quem ele identificou como Aquele “que possui os céus e a terra”. Variantes da palavra traduzida por “que possui”, *qanah* (קָנָה) ocorrem muitas vezes no Antigo Testamento e geralmente significam “ganhar” ou “adquirir” propriedade<sup>21</sup>. Segundo R. Laird Harris, *qanah* também parece significar “criar” em alguns usos (14:19, 22; Deuteronômio 32:6; Salmos 139:13; Provérbios 8:22)<sup>22</sup>. Em vez de “que possui” ou “Possuidor” (ACRF), a maioria das versões inglesas e portuguesas optou por “Criador” (ARIB; AS21; BJC; NVI) ou “que criou” (BJ; KJA), que pode ser o sentido mais natural neste contexto. Nenhuma doutrina crucial está em jogo aqui, pois ambas as alternativas apresentam uma visão verdadeira de Deus. Deus é o Criador do céu e da terra, então como Ele não seria também o Possuidor de Sua criação? Da mesma forma, Deus é o Possuidor do céu e da terra, então como Ele não seria também

seu Criador? De uma perspectiva teológica, qualquer uma dessas traduções ou ambas podem ser consideradas corretas porque Deus é tanto o Criador Onipotente quanto o Possuidor que sustenta a Sua criação.

**Versículo 20.** Melquisedeque continuou sua bênção. Ele reconheceu que Abraão não havia alcançado vitória por sua própria valentia como guerreiro, mas porque ele e seus homens capazes serviram de instrumentos de Deus para efetuar a libertação dos prisioneiros e a devolução de seus bens. Sendo assim, o rei afirmou que foi o Deus Altíssimo que **entregou os adversários** [de Abraão] **nas mãos** [dele]<sup>23</sup>. O termo “adversários” (de *צָר*, *tsar*) poderia ser traduzido por “opressores” porque descreve a angústia e o terror de um povo sitiado enfrentando um exército saqueador (Jeremias 6:24)<sup>24</sup>.

Então, baseado no que Deus fizera para entregar os reis do leste nas mãos de Abraão e na bênção que recebera de Melquisedeque, o patriarca **de tudo deu** ao rei/sacerdote **o dízimo**. Dizimar, ou dar dez por cento, é uma prática que remonta ao Oriente Próximo antigo. O povo doava para o sustento dos sacerdotes em seus templos e também para os reis em seus palácios<sup>25</sup>. Melquisedeque estava qualificado para receber estes dois tipos de dízimos, mas é extremamente duvidoso que Abraão teria dado a ele um dízimo se ele fosse um típico sacerdote cananeu pagão de Salém. Com certeza, foi porque esse homem era um sacerdote do mesmo Deus a quem ele adorava, que Abraão lhe deu um dízimo de todos os espólios que ele reclamou aos reis fugitivos. Ao fazer isto, ele deu um exemplo para seus descendentes – Jacó (28:22) e os israelitas – seguirem: o exemplo de serem uma bênção para os que servem a Deus (Levítico 27:30–33; Números 18:21–32).

**Versículo 21.** O enredo da história a esta altura se volta para **o rei de Sodoma**, cuja atitude para com Abraão contrasta acirradamente com a

<sup>23</sup>“Entregou” é uma tradução do verbo *מָגַן* (*magan*), da mesma raiz que “escudo” (*מָגֵן*, *magen*) em 15:1. Esta raiz hebraica funciona bem ligando os dois episódios.

<sup>24</sup>Gordon J. Wenham, *Genesis 1–15*, Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 317; John E. Hartley, “צָר” em *DITAT*, p. 1277.

<sup>25</sup>Veja exemplos desses dízimos em John H. Walton, “Genesis” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*, ed. John H. Walton. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009, p. 83.

<sup>21</sup>Brown, Driver e Briggs, pp. 888–89.

<sup>22</sup>R. Laird Harris, “קָנָה” em *DITAT*, p. 1352.



de Melquisedeque. O rei de Sodoma reportou-se ao patriarca com uma exigência que sugeriu um espírito ressentido, ao passo que o rei de Salém demonstrou generosidade levando pão e vinho e honrando Abraão com uma bênção. E a abrupta exigência do rei de Sodoma não demonstrou nenhuma cortesia nem gratidão. Declarada em apenas seis palavras na língua hebraica, significa: **Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.** Abraão, sendo o vitorioso, tinha o direito de definir a distribuição dos espólios de guerra. O rei de Sodoma provavelmente temeu que ele ficasse tanto com o povo como com seus bens.

**Versículos 22 e 23.** A resposta de Abraão ao rei contrariado e derrotado indicou que ele não havia se envolvido naquela expedição militar para se enriquecer. Muito pelo contrário, ele já havia **jur[ado]<sup>26</sup> ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o que**

<sup>26</sup>O hebraico diz que Abraão levantou a mão para lavé, o que implica que ele tinha feito um juramento. Na antiguidade, a prática regular de jurar um voto incluía levantar a mão em sinal de sinceridade de que o voto seria cumprido conforme o prometido (Deuteronômio 32:40; Isaias 62:8; Daniel 12:7).

**possui os céus e a terra, que ele nada tomar[ia]** dos espólios de guerra, nem mesmo o menor dos itens, como **um fio, nem uma correia de sandália.** Com este juramento, Abraão atestou que ele confiava que o Senhor iria abençoá-lo. Ele não devia a nenhum rei terreno quaisquer sucessos que ele e seus homens experimentaram na batalha. Evidentemente, Abraão já sabia algo sobre o caráter do rei de Sodoma. Para eliminar qualquer possibilidade de que ele alegasse ter **enriquecido a Abrão**, o patriarca recusou guardar para si qualquer item dos espólios.

**Versículo 24.** Abraão não impôs aos seus aliados sua decisão pessoal de rejeitar qualquer um dos espólios. **Os rapazes** que lutaram na batalha já haviam **comido** algum alimento para sustentarem as forças. Tampouco Abraão esperava que Aner, Escol e Manre abrissem mão de seu direito a uma parte do espólio, após arriscarem a vida para conquistá-lo. Sendo assim, a decisão do patriarca foi deixar que cada um deles **tomasse o seu quinhão**, independentemente da aprovação do rei de Sodoma.

Autor: Bill Grasham  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS